

# Governadores e capitães-mores do Império Atlântico português no século XVIII

Nuno Gonçalo Monteiro

## Introdução: os problemas a debater

Gostaria de situar este trabalho, que tenho vindo a desenvolver em colaboração com Mafalda Soares da Cunha e cuja parcela setecentista me cabe apresentar, no quadro de uma adupla problemática.

A primeira questão é a da evolução da hierarquia nobiliárquica portuguesa durante a dinastia de Bragança (1640-1832). Globalmente, tal como antes destaquei em diversos estudos, verifica-se uma crescente cristalização do topo da pirâmide nobiliárquica, um processo de aristocratização, que se combina com a progressiva polarização entre nobreza de corte e das províncias.<sup>1</sup> A clivagem entre a principal nobreza da corte, encimada pelos Grandes, e as restantes nobrezas revela-se, aliás, decisiva para a análise dos critérios de recrutamento de todos os principais officios da Monarquia, nestes se incluindo os governos das conquistas, como adiante se verá. Ao mesmo tempo, a questão da hierarquia das nobrezas coloca-nos diversos problemas decisivos: qual é o posicionamento das elites das conquistas? Quais são os limi-

<sup>1</sup> Cf., entre outros: Nuno Gonçalo Freitas Monteiro. *O crepúsculo dos grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1850)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998; *Noblesse et aristocratie au Portugal sous l'Ancien Régime (XVII<sup>e</sup> & début du XIX<sup>e</sup> siècle)*. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, n.46-1, p.185-210, 1999; e *Elites locais e mobilidade social em Portugal nos finais do Antigo Regime*. In: Nuno Gonçalo Freitas Monteiro. *Elites e poder. Entre o Antigo Regime e o liberalismo*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2003. p.37-81.